



MAIORIA NÃO QUER SAÍDA LIMPA

Helena Pereira
helena.pereira@sol.pt

Manuel A. Magalhães
manuel.a.magalhaes@sol.pt

Margarida Davim
margarida.davim@sol.pt

Emissão de dívida reforçou cenário de saída à irlandesa, mas esta não entusiasma figuras do PSD e ex-ministros da área económica. Sobem os receios que a recusa do cautelar sirva intuitos eleitoralistas.

Cautelar ou saída limpa? A resposta de várias personalidades do PSD, incluindo ex-ministros das Finanças, é que antes de mais é preciso cautela. A recomendação de prudência ao Governo, a três meses do fim da intervenção financeira da *troika*, vem a par de alguma falta de entusiasmo com a saída limpa – porque os custos e riscos da solução irlandesa podem não compensar.

Eduardo Catroga, que negociou o programa de assistência pelo PSD, prefere claramente o cautelar: «Em função da situação económica e da percepção de risco por parte dos mercados, a solução mais adequada seria pré-negociar um programa cautelar como rede de segurança. Baixa a taxa de risco da economia portuguesa, é um apoio de reserva», argumenta,

em declarações ao SOL. Abril é o mês para tomar a «decisão política», que o ex-ministro das Finanças de Cavaco Silva sublinha ter necessariamente uma «fundamentação técnica, de quanto a economia beneficiaria com um cautelar».

Braga de Macedo, que também liderou as Finanças no consulado cavaquista, contrariando a euforia, acentua a ideia de ser cedo para julgar: «É sensato esperar tanto tempo quanto possível para escolher entre as alternativas viáveis no fim do período de ajustamento – que podem não ser as mesmas que existem agora», diz ao SOL.

As variáveis vão do «ambiente de incerteza sobre a recuperação da economia dos EUA e da zona euro» à «turbulência que se verifica nos mercados emergentes (alguns dos quais muito relevantes para a abertu-

tura comercial e financeira do nosso país)».

Marques Mendes opta pelo cautelar, também. «É sempre preferível um programa cautelar pela rede de segurança que cria, que dá outra tranquilidade, sobretudo tendo em conta que se vai entrar em período pré-eleitoral, para não se estragar o trabalho feito até agora».

O ex-líder do PSD elogia ainda as emissões de dívida que estão a acumular financiamento para 2015. «Acho bem o caminho que está a ser feito [com a criação de uma almofada financeira], porque a negociação será diferente se se estiver muito ou pouco precisado de um programa cautelar», diz ao SOL.

Mais 3 mil milhões para almofada financeira

A operação de colocação de 3 mil milhões de dívida, esta semana, aumentou a confiança para uma saída limpa. A procura três vezes superior à oferta é um factor positivo, mas a taxa de juro, ainda um pouco acima dos 5%, é vista como demasiado alta.

Ontem, o *Diário Económico* noticiava que Passos Coelho já tinha transmitido à *troika* a decisão de optar pela saída sem cautelar. Mas o Gabinete de Passos Coelho fez questão de des-

mentir ao SOL a notícia e garantir que «não há nenhuma decisão tomada».

Morais Sarmento destaca que a decisão pode não ser nossa. «Não é uma questão de gosto do paciente. Os irlandeses não podiam ter saído com cautelar porque a Alemanha recusou. Os irlandeses não tiveram escolha, não havia disponibilidade», argumentou o ministro de Durão Barroso na RTP.

O centrista Ribeiro e Castro alinhava pela prudência dos 'barões' do PSD. «Cautela e caldos de galinha nunca fizeram mal a nin-

guém. E fica-me mal falar em tentações eleitoralistas, mas a verdade é que as pode haver. A crónica dos períodos pré-eleitorais nunca foi famosa», argumenta. «Com o cautelar, os juros seriam seguramente mais baratos», remata o ex-líder do CDS

A saída limpa é vista como «uma bravata» política de Passos Coelho por Moraes Sarmento, mas também por António Capucho, fundador do PSD (que esta semana foi expulso do partido). «É um disparate não avançar para um programa cautelar, porque baixaria brutalmente o custo

Cautelar dá segurança, sair à irlandesa votos e despesa

Programa cautelar pode custar até 500 milhões de euros anuais em juros e 'saída limpa' cerca de 850 milhões. Irlanda vive euforia pós-troika e primeiro-ministro já anunciou recandidatura.

No final do programa da *troika*, haverá sempre um programa cautelar. A diferença é saber se este é pago por Bruxelas (um cautelar oficial) ou se pelo Estado através uma 'almofada financeira' como fez a Irlanda.

Porém, a escolha entre um cautelar ou saída limpa não é só financeira. Um cautelar oferece juros mais baixos (3,1% contra uma média de 5% a que Portugal se tem financiado), uma linha de crédito segura e um controlo mais apertado das finanças públicas. Por outro lado, esta opção mantém Portugal com o estigma de país sob resgate, com visitas regulares dos credores, uma imagem que poderá atrasar a subida de *ratings* e a descida dos juros da dívida pública.

A incógnita sobre as condições de austeridade exigidas num cautelar é um factor de incerteza e que tira margem política e económica ao Go-

verno. Um programa deste género é apoiado pela banca portuguesa e pela Comissão Europeia, mas tem a resistência dos países do Norte da Europa, que não vêem com bons olhos dar mais dinheiro a um país do Sul, sobretudo com as eleições europeias à porta.

Optimismo sobe na Irlanda

Já a saída limpa atribui uma imagem de independência financeira a Portugal e um valioso trunfo político ao Executivo. Porém, obriga o Estado a criar uma almofada financeira entre 17 e 20 mil milhões de euros que, só em juros, poderá custar 850 milhões de euros por ano (média para um juro de 4,5%).

Um programa cautelar de Bruxelas de 17 mil milhões de euros (o valor máximo) representa encargos de 500 milhões de euros em juros. Actualmente, a almofada do Estado totaliza 14 mil milhões de euros (7,9

mil milhões em depósitos do Tesouro mais 6,2 mil milhões das duas emissões de dívida feitas este ano).

O Governo tem mantido a porta aberta a uma saída limpa, seguindo a estratégia de se colar à Irlanda. Dois meses após de ter deixado a *troika*, o ex-tigre celta vive um optimismo crescente e o primeiro-ministro, Enda Kenny, já anunciou que vai recandidatar-se em 2015 depois de ter «limpo a trapalhada» que herdou do anterior governo.

Os juros da dívida irlandesa desceram esta semana a mínimos de 2005 (3,1%) e o país já se financia a taxas semelhantes às oferecidas pela *troika* (3,4% na última última emissão de dívida a 10 anos). Em Janeiro, a Moody's subiu o *rating* da Irlanda (S&P e Fitch já o tinham feito) e o investimento privado está igualmente em alta. A gigante Yahoo anunciou este mês que vai mudar a sua sede europeia de Genebra para Dublin e juntar-se ao Facebook, Intel, Google ou Pfizer, gigantes que escolheram a Irlanda para instalar as suas maiores operações fora dos EUA.

Luís Gonçalves

verno recorrer ao cautelar: «Se isso acontecer, o PS não faltará ao país. Perante factos concretos, tomará uma decisão» diz Seguro.

Dois ex-ministros de Sócrates consideram que ainda é cedo para decidir, mas acusam o Governo de estar a ceder a uma solução eleitoralista. «Não pode ser o comité eleitoral do PSD e do CDS a decidir, com base no cálculo político», dispara Augusto Santos Silva. Uma saída limpa «com juros de 5,1% é um custo excessivo», avisa. Mas um cautelar com «medidas draconianas» é de rejeitar.

A decisão terá de ter uma base económica. O ex-ministro da Economia Vieira da Silva diz que, na hora de escolher, é importante saber se, num cautelar, «as instituições europeias e os países da UE estão disponíveis para constituir uma rede que nos segure».

A criação de uma almofada financeira que permita a Portugal aumentar as condições para uma decisão favorável é elogiada por Santos Silva. «O que o ICGP faz tem

sentido. Estamos a abrir a porta de acesso aos mercados», admite.

Belém olha com preocupação

Já o deputado socialista João Galamba diverge de Seguro. «É uma cortina de fumo a discussão sobre cautelar ou saída à irlandesa». Para Galamba, é «uma irresponsabilidade pagar mais juros para conseguir o número político» de sair à irlandesa.

A vantagem política para o Governo de sair dos anos da *troika* sem acordos adicionais passa por uma liberdade na tomada de medidas que é avaliada de formas diversas. Em Belém, olha-se com preocu-

pação para algumas declarações recentes que podem prenunciar uma deriva despesista e elitista.

Paulo Portas, esta semana, disse que quer baixar o IRS em 2015. A intenção do líder do CDS, manifestada em Madrid, implica não haver mais constrangimentos externos. «O calendário português para sair do programa termina a 17 de Maio: um só resgate, um só empréstimo e um só calendário», disse Portas.

Por entre as posições polarizadas entre cautelar e saída limpa, há quem, como Miguel Frasquilho já clame vitória. «O programa cautelar também é uma vitória política», diz o deputado. Mas avisa que mesmo a saída limpa não nos devolve a liberdade económica. «Condicionalismos já há, mesmo sem cautelar. Até Portugal pagar 75% da dívida – o que só vai acontecer lá para 2030 – vai haver avaliações semestrais da Comissão Europeia e do BCE, mesmo com uma saída limpa», alerta Frasquilho.

Saida sem cautelar é vista como 'bravata' de Passos Coelho

FRASES

Eduardo Catroga

Do ponto de vista político, a saída limpa é mais um factor psicológico. Com ou sem *troika* estamos condenados a corrigir as finanças públicas



Miguel Frasquilho

O programa cautelar também é uma vitória política



António José Seguro

Portugal deve sair deste processo de uma forma limpa. Se não sair de forma limpa isso implica que o Governo falhou



Basilio Horta

Sem programa cautelar vamos ter um problema sério



Teodora Cardoso

Ficamos mais seguros se tivermos um programa cautelar



Morais Sarmento

É melhor o cautelar porque temos mais segurança, se de repente houver um foco dos mercados na dívida portuguesa temos um respaldo



Cecília Meireles

É muito cedo para falar sobre a saída. Há muita coisa a ter em conta. Portugal está à beira de sair do programa de resgate e o essencial é sair



dos juros. Uma saída limpa é correr um risco desnecessário, seria uma bravata».

PS denuncia eleitoralismo

O PS insistiu esta semana que um programa cautelar será uma derrota. «Se não sair de forma limpa, o Governo falhou», reafirma António José Seguro. O líder socialista avisa, contudo, que o valor dos juros de 5,1% com que o Estado colocou 3 mil milhões de euros esta semana «é incomportável para as contas públicas».

Os socialistas não dizem, no entanto, para já, o que farão se o Go-



14-02-2014

SAÍDA LIMPA ASSUSTA BARÕES

É a discussão do momento: deve Portugal sair à irlandesa ou negociar um programa cautelar? As opiniões dividem-se, mesmo no PSD. Mas Passos Coelho reafirmou ao *SOL* que a decisão não está tomada e nada foi dito à *troika*. ⇨ Pág. 4

